

Ainda é cedo

Mário Francis Petry Londero¹

Um dia desses assisti ao filme “Somos tão jovens” que trata da vida de Renato Russo, guia musical/poético de algumas gerações brasileiras. Saí do filme angustiado, com um nó na garganta, com a alma desacomodada e um tanto perdida frente ao mundo. É importante comentar que o filme não tem nada de mais. O roteiro é um tanto pobre e bastante preocupado em transformar a vida do cantor em uma sequência perfeita.

Contudo, e para além disso, o fato é que o filme foi uma lembrança dos sonhos, das expectativas sobre a vida que já tive e que compartilhei com muitos amigos. Sonhos coletivos, desejos revolucionários e algumas ideologias ingênuas em épocas remotas e distantes da atualidade. Literalmente um “tapa” na cara frente ao que fiz com o meu destino. Em minha opinião o filme poderia ter outro título, a saber: Ainda é Cedo².

Ainda é cedo para lembrar tais emoções, afetos, vontades de vida que durante a juventude eram tão claras, brilhantes e possíveis. Olhar para esse lugar produz um susto sem tamanho, faz repensar tudo que se viveu, todas as escolhas que foram afunilando cada vez mais a caminhada pela vida. O processo de se “adultizar” parece, de certa forma, nos tornar menores, quase como se estivéssemos a cada ano sendo espremidos pelos passos que damos no nosso percurso patético pela vida. A cada dia escolhemos algo e essa ação mata milhões de outras possíveis, sonhos que vão ficando no caminho. Eu sei, isso é muito re-sentimento, mas não estamos livres dele.

Como já escrevi, ainda é cedo para encarar de frente tais sonhos colocados para baixo do tapete, reprimidos e transformados em fantasmas que rondam nosso cotidiano posto e acinzentado. Parece que à medida que envelhecemos os sonhos são perdidos na mesma

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS - 2008). Mestre em Psicologia Social e Institucional (2011) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Saúde Mental pela Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição (2013). Doutorando e Pesquisador do grupo INTERVIRES no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional - UFRGS. Supervisor clínico na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES) e docente do Curso de Psicologia da UNIVATES.

² Assim como o nome do filme se refere a música “Tempo Perdido”, do segundo Álbum da Legião Urbana (1986), Ainda é Cedo é um título inspirado em uma música situada no primeiro álbum da banda (1985).

velocidade em que as angústias vão aumentando. É um pouco o que Freud (1996) nos traz em “o Mal-Estar na civilização”: se prevenir da infelicidade já é uma grande felicidade, isto é, não nos produzindo angústias já está de bom tamanho para aguentar esse mundo sem sonhos.

O sonho de liberdade propagandeado no social é instalado desde a mais tenra infância. Na adolescência tal ideal chega ao ápice, temos a certeza de que estamos nos libertando cada vez mais, não se sabendo bem do quê, mas algo parece existir, indo além do que se vive, uma esperança de que no futuro a liberdade se efetivará. Doce ilusão pois, ao menos para mim, não sei se todos compartilham, o sentimento é que a cada dia se fica mais amarrado, mais dependente das escolhas que produzimos. As escolhas nos escravizam.

Como ir à outra direção depois que nos acomodamos num determinado destino? Como voltar para trás, como correr por caminhos desviantes depois que afirmamos escolhas ao infinito do Universo? Que bárbaro sufocamento é essa vida! O filme *Morangos Silvestres* de Ingmar Bergman³ trata disso também. As horas da vida vão passando e os desejos vão se esvaindo como a areia que corre na ampola do tempo. É um sentimento de vertigem que nos abarca ao nos darmos conta do afunilamento do viver. Andamos cambaleando pelas calçadas, como o professor exemplar de medicina Isak Borg, condecorado pela Universidade por seus trabalhos prestados, mas que não enxerga sentido para os passos que deu ao longo da vida que está por terminar.

Não posso desejar nessa produção de vida angustiante outra coisa senão um retorno à infância, lugar de escolhas ainda rasas, que não têm um enraizamento no qual o andar fica paralisado. A criança brinca de escolher, escolhe uma porção de coisas e depois desiste sem a menor cerimônia, abrindo espaços para outras invenções. O poeta Manoel de Barros, em um filme⁴ que conta de sua poética, exalta a poetização da vida que atravessa a infância, afirmando que a “invenção é uma coisa que serve para aumentar o mundo”, suas possibilidades por vezes tão diminuídas pelo cotidiano.

Neste sentido, a criança não se cansa de percorrer caminhos inusitados, se diverte com o estranho ao invés de se aterrorizar e, sobretudo, não se apega a percursos já demasiadamente

³ Filme do diretor citado de 1957, Suécia.

⁴ Filme *Só dez por cento é mentira*, Diretor Pedro Cezar, Brasil, 2008.

explorados e cotidianizados. Faço uma ode ao devir criança para tensionar essa “adulthood” que nos deixa tão rasos de sentidos, plantas secas! A estratégia é levar o acaso como potente amigo para sabermos escutá-lo como cantara Rodrigo Amarante⁵ em “O velho e o moço”. Assim, é possível aproveitarmos os instantes que o inusitado se apresenta para deslizarmos por esse tempo-espaço que a cada dia nos constrange e nos reseca em vida.

Referências

Freud, S. (1996). O Mal-Estar na civilização. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição. *Standart brasileira*, Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁵ Integrante da banda Los Hermanos. Música do álbum Ventura, 2003.